

# **Léopold Sédar Senghor em perspectiva: entre a ideia de descolonização e os partidos políticos, entre a negritude e a mestiçagem (1945-1960)**

## **Léopold Sédar Senghor, perspectives: political thought of a “political-poet”, from Negritude to miscegenation (1945-1960)**

Camille Johann Scholl<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho realiza um recorte na trajetória intelectual e política do intelectual e político senegalês Léopold Sédar Senghor entre 1945 a 1960 buscando problematizar, a partir do contexto e de sua obra política, como ele modula o seu discurso a respeito da negritude direcionando o mesmo para a questão da mestiçagem. Pretende-se mostrar os usos políticos de suas visões sobre a cultura em prol da construção das independências das colônias francesas em África.

**Palavras-Chave:** Léopold Senghor; descolonização; negritude; mestiçagem.

**Abstract:** This work looks at the intellectual and political trajectory of the Senegalese intellectual and politician Léopold Sédar Senghor between 1945 and 1960, seeking to problematize, from the context and his political work, how he modulates his discourse about negritude, directing the same to the question of miscegenation. It is intended to show the political uses of his views on culture in favor of building the independence of the French colonies in Africa.

**Keywords:** Léopold Senghor; descolonization; negritude; miscegenation.

Este trabalho trata de um recorte da longa trajetória intelectual e política de Léopold Sédar Senghor, intelectual senegalês e poeta do Movimento da Negritude<sup>2</sup> que se tornou deputado da Assembleia Nacional Francesa (1945) e consolidou o processo de independência do Senegal dentro do escopo da África Ocidental Francesa, ocupando o cargo de primeiro presidente (1960 a 1980). Foi autor de uma ampla obra literária e política (1930-2000).

Pretende-se, olhando trajetória política e intelectual da complexa figura de Senghor, vislumbrar o processo de construção da descolonização dos territórios na África Ocidental Francesa e da arquitetura das independências – que foi realizado por via política. O texto se organiza a partir de uma análise dos marcos históricos da “União Francesa” e da “Comunidade Francesa”, analisando a inserção de Senghor nestes processos históricos a partir de uma análise de alguns dos partidos ao qual se aliou e liderou assim como

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Bolsista da CAPES. E-mail para contato: mille\_js@hotmail.com

<sup>2</sup> Movimento literário criado no contexto francês na década de 1930. Foi capitaneado por Léopold Senghor (nascido no Senegal), Aimé Césaire (nascido na Martinica) e Léon Damas (nascido na Guiana). (Rabaka, 2015). Ao considerar a Negritude é necessário deixar claro que há uma vasta produção bibliográfica que olha e analisa criticamente o movimento, ou seja, para além do fenômeno em si, há camadas e camadas de discurso político, historiografia – e os usos da história – assim como análises críticas sobre este. O intento aqui não é abranger a totalidade da vasta bibliografia a respeito do movimento literário e político.

sobre a modulação de seus discursos políticos, os quais expõe um deslocamento do conceito de negritude para o conceito de mestiçagem.

Para o caso da “negritude” há uma duplicidade de significados<sup>3</sup>: quando se trata do movimento político criado por Aime Césaire (oriundo da Martinica), Léon-Gontram Damas (da Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (do Senegal), em Paris na década de 1930, este é tratado como Negritude – um substantivo próprio – que, para Senghor, era a expressão da “negritude”, que significaria uma ontologia negra, um ser negro no mundo. Segundo ele:

Vou propor esta definição: uma reação racial do homem em seu ambiente, tendendo a um equilíbrio intelectual e moral entre o homem e esse ambiente. Como o ambiente nunca é imutável, nem a raça, a cultura torna-se um esforço perpétuo para um equilíbrio perfeito, um equilíbrio divino. A educação é o obreiro e o instrumento da cultura (...) O conjunto dos conceitos e técnicas de uma dada pessoa num dado momento da sua história constitui-se como civilização. É também chamado o nome das sucessivas civilizações de um povo.<sup>4</sup>

Assim, a negritude vem junto com a definição de uma “civilização negro-africana”, feita por Senghor:

Civilização, ou mais precisamente, cultura, que nasceu da ação recíproca da raça, da tradição e do meio; que, emigrada para a América, permaneceu intacta no seu estilo, se não nos seus elementos ergológicos. A civilização desapareceu, esquecida; a cultura não se extinguiu.<sup>5</sup>

O arauto do Movimento da Negritude, Senghor, intitula-se, “poeta caído na política”, pois inicia sua carreira como deputado, em 1945, na Assembleia Nacional Francesa, ocupando cargo representando o Senegal, até 1959. Torna-se, logo após, presidente da Federação do Mali (1959) e na sequência, presidente do Senegal independente (1960). Portanto, Senghor acompanha, de dentro do sistema político francês, todas as convulsões e reconfigurações da França e seu império no pós-guerra, forjando junto aos outros deputados dos territórios africanos, a reordenação jurídica das antigas colônias e a construção da independência nacional.

Ao focar na trajetória política de Senghor na França, coloca-se em pauta como a “África Negra” foi um conceito cada vez mais politizado e alvo de disputas, após 1944, com a criação da “União Francesa” e da “Comunidade Francesa”, pelo General-político Charles De Gaulle. Neste escopo, é levado em consideração como Senghor se posiciona e modifica seus apoios políticos a respeito das mudanças ocorridas na política da

<sup>3</sup> RABAKA, Reiland. The Negritude Movement: W.E.B. Du Bois, Leon Damas, AimeCesaire, Leopold Senghor, Frantz Fanon, and the Evolution of an Insurgent Idea. United States: Lexington Books, 2015.

<sup>4</sup> SENGHOR, Léopold Sédar. Liberté I – Négritude et Humanisme. Paris: Éditions du Seuil, 1964, p. 12. Tradução da autora

<sup>5</sup> SENGHOR, Léopold Sédar. O contributo do homem negro. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011 [1939], p.74.

França com relação aos territórios “*L'Outremer*”<sup>6</sup>, colocando no debate político a mestiçagem como sustentáculo da conciliação política entre o Império e a descolonização. O argumento da “mistura de culturas” ou “símbiose cultural” é conformadora do humanismo e socialismo africanos ao qual passa a proferir<sup>7</sup>.

Ao fazer uma inflexão do seu pensamento, migrando de um discurso a respeito da “civilização negro-africana” e da “negritude” em direção a ideia da mestiçagem cultural e de uma África produto da mistura das culturas negro-africanas, árabo-bérberes e europeias. É perceptível a modulação:

Somos, para sermos precisos, negro-africanos misturados com bérberes, nascidos em uma certa terra e sob um certo clima, com uma herança cultural original. Mas homens do século XX moldados, queiramos ou não, por uma civilização socializante, que está destinada a tornar-se planetária (...) é a realização da símbiose dos valores negro-africanos, mais exatamente negro-bérberes, com os valores europeus, porque é a Europa que proporciona os meios teóricos da civilização em formação.<sup>8</sup>

Essa presença da mestiçagem é transportada para o âmbito político, quando “político-poeta” a relaciona com a construção da ideia de “conciliação”, ou seja, a proposta de uma relação pacífica entre as diferenças – e entre o colonizador e o colonizado. Desta forma, também reemergem as ideias de federação e confederação – muito em diálogo com as soluções da IV República para reordenar a nação e evitar o conflito.

Estes debates configuram um pano de fundo aos quais os deputados africanos dos diversos territórios de domínio francês em África avançam no debate a respeito da igualdade de direitos, cidadania, autodeterminação, descolonização e independência, forjando novas entidades políticas para defender seus interesses – que são plurais. Desta forma, há uma série de debates políticos e intrigas entre os representantes africanos, o que reverbera nas formas com que as independências das colônias africanas vão ocorrer dentro do escopo colonial francês.

---

<sup>6</sup> Deve-se levar em consideração também o início das guerras com as colônias, a Indochina em 1946, os conflitos em Madagascar, em 1947, e depois a grande guerra da Argélia, que inicia em 1954. (Shepard, 2006)

<sup>7</sup> É a partir da década de 1950 que Senghor aborda em sua obra reflexões sobre o marxismo e passa a proferir uma interpretação sobre este, pensando uma nova via africana para construção do socialismo e do humanismo africano. Junto a isto, também já realiza uma autocritica da própria obra, aceitando ser necessário ampliar as visões no que diz respeito às análises da “infra-estrutura” – economia e política e não somente olhar para cultura. Senghor faz a proposição de uma nova tonalidade ao socialismo, por meio africanização deste no âmbito democrático, sob o alicerce de uma filosofia humanista, que segundo suas análises históricas e culturais, é própria do negro-africano. O autor mobiliza, então, alguns fundamentos da Negritude pensados uma década anterior, entrelaçando, agora, com novas realidades políticas.

<sup>8</sup>Ibid, p. 6-7.

## O debate da União Francesa (1944-1956)

Brazzaville (Congo Francês), capital da África Ocidental Francesa (AEF) recebe, em 1944, integrantes da “França Livre”, movimento liderado pelo General Charles de Gaulle o qual fazia frente a ocupação nazista em Paris. Realiza-se uma conferência que vai apontar para a pauta da igualdade de direitos para as colônias, ao sufrágio universal e para a autonomia das colônias: estas vão nortear a conformação da “União Francesa”, mostrando a intenção de manter o Império e prevenir a descolonização.

Em contraponto, o território da África Ocidental Francesa (AOF) foi vinculado à administração com o regime do General Pétain (líder de “Vichy” e colaboracionista com a Alemanha Nazista), que passou a negar a política assimilaçãoista da França Republicana, ocasionando o arrefecimento do racismo. Gino (2006) analisa que estes elementos são importantes, pois servem para entender que após a queda de Vichy, sobretudo entre as elites urbanas da AOF, houve um discurso de defesa da política de assimilação da Terceira República e a criação de uma ideia de duas Franças: a “boa” e a “má”. A primeira seria a França republicana, anterior à Vichy, que teria sua continuidade com Charles De Gaulle, e a segunda seria representada pelo regime de Pétain, vinculado ao Nazismo Alemão.

Neste escopo, os representantes políticos da AOF – os quais Senghor se inseria - defendiam as “liberdades republicanas”, demandando igualdade no âmbito da cidadania francesa, atacando a discriminação racial (ao estilo de Vichy). Isto resulta em um posicionamento em prol da União Francesa, especificamente para o caso de Senghor, encorajando a reforma do Império - aos moldes do que fora discutido em Brazzaville em 1944 - na direção a um tipo de “estado multinacional” cujo futuro só poderia ser federal.

Sobre o projeto da União Francesa, Senghor, como deputado filiado à Secção Francesa da Internacional Socialista (SFIO), diz que a “assimilação” deve ocorrer reciprocamente, ou seja, traz a ideia de uma nova civilização – mista – produto de uma “deglutição ativa”<sup>9</sup>:

Deve ser uma conjunção de civilizações, um cadiño de culturas. [...] Não é para nós destruirmos a civilização francesa mais do que é para você destruir nossas civilizações originais colonizando-nos. Para que haja uma federação real, deve haver assimilação ativa de ambos os lados. Assim, juntos, vamos criar um novo humanismo, uma nova civilização<sup>10</sup>

Neste contexto, em 1946, é estabelecida a Quarta República Francesa e a “União Francesa”. A última trata-se de uma integração dos territórios, não em uma federação - ideia apontada como “girondina” - mas em único conjunto nacional e político, a República Francesa. Neste sentido, atendem-se as demandas pelas

<sup>9</sup>SENGHOR, Leopold. Debates da Assembleia Constituinte, 18 de setembro de 1946, p. 3791. Tradução nossa.

<sup>10</sup>SENGHOR, Leopold. Debates da Assembleia Constituinte, 18 de setembro de 1946, p. 3791. Tradução nossa.

liberdades republicanas e pela igualdade de direitos, ao mesmo tempo em que a constituição de 1946 referia-se a “pessoas e nações” da União Francesa – reconhecendo que os indivíduos nas antigas colônias, dentro da república, poderiam ser “cidadãos da União Francesa”, somente conectados à nacionalidade francesa.

Houve uma reorganização da jurisdição do território da República. O formato da República Francesa dividia-se em “França metropolitana”, “département et région d'outre-mer”, a Argélia, os “Territoires d'outre-mer” (ex-colônias), Territórios associados (Camarões e Togo) e Estados associados (Marrocos, Tunísia, Camboja, Laos e Vietnam). Em reação às configurações da “União Francesa”, a principal crítica que ecoa se relaciona à negação da autonomia das colônias - dentro do escopo de uma federação.

Alguns deputados africanos assinam um manifesto em Paris, liderados por Félix Boigny, da Costa do Marfim, convocando reunião de debates em Bamako, com vista a refletir sobre o futuro. Este é um momento fundamental que traça as dissensões entre os deputados senegaleses, Léopold Senghor e Lamine Gueye (ligados aos socialistas franceses) e os deputados africanos mormente ligados ao Partido Comunista Francês (PCF), sob liderança de Boigny.

Senghor e outros deputados ligados aos socialistas boicotam o encontro em Bamako, cujo resultado final foi a criação do *Rassemblement Démocratique Africain* (RDA), que teve por objetivo a união das facções políticas de deputados provindos de diferentes locais dos departamentos franceses no continente africano com vista a construir uma frente interpartidária em prol de causas comuns, sobretudo a causa da autodeterminação e das independências.

Neste mesmo contexto, a secção socialista no Senegal tem dissensões internas. Lamine Gueye, o líder da mesma, era muito mais voltado aos interesses de uma elite ligada à cidade de Saint-Louis (Senegal) e Senghor, neste momento, está muito mais preocupado com os interesses da população rural, por isso, neste momento é visto pejorativamente por seus correligionários como “político do mato”.

Senghor une-se a Mamadou Dia, também deputado pelo Senegal, criando o *Bloc Démocratique Sénégalaise* (BDS) em 1948. Em território africano, enquanto os socialistas de Gueye faziam suas campanhas no espaço urbano, Senghor dava prioridade às zonas rurais e criava laços com as autoridades locais e tradicionais. O BDS era:

uma ‘federação orgânica’ a qual as pessoas poderiam associar-se individualmente ou por grupos regionais ou intermediários, como o fez a *Tukolor Union Général des Originaire de la Valée Du Fleuve* e o *Mouvement des forces Démocratiques de la Casamance*, como também o fizeram pequenos grupos étnicos e locais. O partido enfatizava valores e interesses africanos e advogava medidas econômicas e sociais simples que tinham apelo à população rural.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> COLEMAN, JS. ROSENBERG, C. Jr. Political Parties and National Integration in Tropical Africa. California: University of California Press, 1964, p. 20. Tradução nossa.

Assim, inicia a boa relação de Senghor com os líderes islamizados. Apesar de católico, Senghor prestou particular atenção aos interesses das confrarias muçulmanas e aos seus líderes<sup>12</sup>. Mamadou Dia, que era muçulmano, prestou importante papel no diálogo com os *Imãs*, os chefes políticos das Confrarias Muçulmanas. Senghor vai dizer que “*foram os imãs das mesquitas que fizeram o nosso triunfo*”<sup>13</sup>: a vitória do BDS no Senegal em termos políticos eleitorais.

Neste contexto, o BDS torna-se o instrumento de vingança da população rural contra o longo domínio das comunas, ou seja, das elites do espaço urbano, os “*evolués*”. Na eleição de 1952, o BDS ganha em todos os distritos, exceto em Dakar (Osei, 2012). Neste sentido, pode-se ver que a nova reconfiguração, a partir da ruptura com os Socialistas Franceses e a criação de um partido constituído a partir do Senegal - com pautas locais. Este é dado significativo para pensar como Senghor modifica seu discurso.

Neste contexto, Senghor e Dia, líderes do BDS, na Assembleia Nacional da França, vão alinhar-se com o grupo de deputados denominados “*Indépendants d’Outre-Mer*” (IOM). O grupo era composto por parlamentares representantes dos departamentos do continente africano - não alinhados aos socialistas e nem aos comunistas: uma terceira via.

O IOM faz uma declaração em 1948, repetida nos mesmos termos em 1951, rejeitando o objetivo da independência nacional:

O mundo moderno não tem espaço para pequenas entidades cuja independência será um mito se elas não estiverem adequadamente equipadas e se elas não participarem de uma ‘união’ maior (...) a tentação do ‘estreito’ nacionalismo representa um grave perigo.<sup>14</sup>

Senghor pedia uma “solidariedade vertical” e uma ação comum entre a França e as suas antigas colônias. Neste escopo, defendia um “federalismo ativo”. Entre 1953 e 1954, o BDS requeria uma revisão constitucional que possibilitasse a construção de uma grande Federação Francesa. Por “federalismo ativo” entende-se uma descentralização dupla: da França e dos governos gerais em benefício das assembleias territoriais, democratizando o sistema<sup>15</sup>.

É neste momento político, sobretudo nas *Journées d’Etudes des Indépendents d’Outre Mer*, que o discurso de Senghor, ainda muito com foco em análises culturais da África Negra, passa a abranger a questão da mestiçagem. Este representa uma inflexão no seu pensamento: pensar uma “África Negra” a partir da chave explicativa da mestiçagem, menos biológica, mas, sobretudo cultural.

<sup>12</sup>BEHRMAN, Lucy. Muslim brotherhoods and politics in Senegal. USA: Harvard University Press, 2013.

<sup>13</sup>SENGHOR apud COLEMAN, JS. ROSENBERG, C. Jr. Political Parties and National Integration in Tropical Africa. California: University of California Press, 1964, p.22.

<sup>14</sup> COOPER, Frederick. Citizenship between Empire and Nation: remaking French and French Africa 1945-1960. Princeton: Princeton University Press, 2014, p. 190. Tradução nossa.

<sup>15</sup> COOPER, Frederick. Citizenship between Empire and Nation: remaking French and French Africa 1945-1960. Princeton: Princeton University Press, 2014.

No discurso “*Le problème de la culture*”, de 1950, produzido para a jornada de estudos, ele apresenta a ideia de que “cultura é ação” e “ação revolucionária” determinando que “o próprio homem deve ser capaz de exercer conscientemente, livremente, uma atividade criativa”.<sup>16</sup>

Neste sentido, segue argumentando que há a necessidade de transcender, no contexto, a antinomia assimilação-associação, muito discutida por ele em períodos anteriores, pensando agora o movimento dialético da cultura e advogando um “diálogo fecundo entre duas civilizações (...) [e] um colóquio entre amigos, diversos de espírito e de temperamento”.<sup>17</sup>

Passa a arguir que a “civilização ideal” é aquela “que surge da mão de um grande escultor e que reúne as belezas reconciliadas de todas as raças”. Segundo Senghor:

Só poderia ser mestiça, assim como as maiores civilizações da história, as da Suméria, Egípcia, da Índia e da China e da Grécia. É hoje, apesar das tentações do poder material, a chance de os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas estarem na encruzilhada de raças e civilizações. Esta sempre foi a sorte da França.<sup>18</sup>

O comentário sobre a mestiçagem avança para o elogio do mestiço. Neste sentido, Senghor diz que o mestiço cultural, como para o mestiço biológico, tem uma “rara força de caráter” que lhe permite dominar e conciliar as suas fecundas contradições<sup>19</sup>. Neste sentido, o mesmo também é colocado por seu papel ambíguo:

também assimilado e não assimilado o suficiente? Este é exatamente o nosso destino como mestiços culturais. É um papel ingrato, difícil de manter; é um papel necessário se a conjuntura e a união francesa fizerem sentido. Frente a nacionalismos, racismos, academismos, é a luta pela liberdade da Alma - do Homem<sup>20</sup>

A mestiçagem vista pelo olhar da análise que entrecorta cultura junto à raça emerge no discurso de Senghor no contexto da União Francesa, como forma de conciliação entre as diferenças e as contradições. Em um contexto de uma nova organização partidária, muito mais ligada às “massas senegalesas”, as quais de fato o BDS representou naquele contexto.

É possível interpretar que Senghor, como líder do IOM, precisou acrescentar um novo tom às suas interpretações culturais de “África Negra”, imanentes em seus discursos e escritos políticos, pensando agora não apenas no contato de culturas, mas na adesão destas – reconhecendo diferenças - em torno de uma entidade política desejada: a federação entre França e as suas antigas colônias.

<sup>16</sup> SENGHOR, Léopold Sédar. *Liberté I – Négritude et Humanisme*. Paris: Éditions du Seuil, 1964, p. 95. Tradução nossa.

<sup>17</sup> SENGHOR, Léopold Sédar. *Liberté I – Négritude et Humanisme*. Paris: Éditions du Seuil, 1964, p.96.

<sup>18</sup>SENGHOR, Léopold Sédar. *Liberté I – Négritude et Humanisme*. Paris: Éditions du Seuil, 1964., p. 96. Tradução nossa.

<sup>19</sup> Ibid., p. 97.Tradução nossa.

<sup>20</sup> Ibid., p. 103. Tradução nossa.

## A comunidade francesa em debate (1956-1960)

“Tocados pelo espírito de Bandung”: esse é o mote apresentado por Senghor na Primeira Conferência de Escritores e Artistas Negros (1956), organizado pela Présence Africaine. Portanto, os anos entre 1956 até 1959 vão ser intensos e significativos para as descolonizações no contexto da União Francesa, atingidas a partir de 1960.

Ao mesmo tempo, na política interna do Senegal, há uma crescente “intelligentsia nacionalista composta por estudantes que retornavam da França e jovens líderes ligados aos trabalhadores”<sup>21</sup> que são atraídas pelo BDS na medida em que este se afasta das associações regionais e étnicas, no congresso de 1955. Os grupos de base que compunham o BDS aceitaram esta nova diretriz com exceção do Movimento de Casamance (sob liderança de Assane Seck, no *Mouvement Autonome Casamançaise*<sup>22</sup>).

Em 1956, o BDS conclama uma conferência geral, significativa para o desenrolar da política interna no Senegal. Depois de prolongadas negociações, há um acordo entre o BDS, a Union démocratique sénégalaise (UDS) – secção expulsa do RDA em 1955 por discordar da ruptura com o Partido Comunista -, o Movimento Autônomo da Casamance e o Mouvement Populaire Senegalais (MPS) - secção ortodoxa do RDA. Estes formam uma frente comum: o *Bloc Populaire Senegalais (BPS)*.

Nesta conjuntura, a guerra na Argélia está correndo desde 1952, também há a independência do Marrocos, da Tunísia e de Gana, contexto ao qual fará com que a República Francesa, em 1956, aprove a *Loi-Cadre*: esta concede autonomia (com restrições) aos oito territórios da África Ocidental Francesa, descentraliza a administração de cada um dos oito territórios, introduz o sufrágio universal, outorga autoridade às assembleias territoriais provendo um conselho de ministros e coloca um fim na política de assimilação. Estas mudanças pavimentaram o caminho para as independências<sup>23</sup>.

As modificações delineadas por esta lei foram aprovadas por conta dos debates parlamentares trazidos pelos deputados africanos. Sendo assim, a lei foi alvo de muitas críticas, inclusive de Léopold Senghor, que de fato defendia a conformação de uma federação e não o processo de balcanização administrativa – tal qual a proposta da Loi-Cadre os levava.

A crise de Maio de 1958<sup>24</sup>, que emerge também por conta dos conflitos na Argélia, leva o General Charles de Gaulle novamente ao centro do poder. Governando por decretos, é aberta uma nova Assembleia Constituinte que irá instituir a Quinta República e a substituição da União Francesa pela Comunidade

<sup>21</sup> COLEMAN, JS. ROSENBERG, C. Jr. Political Parties and National Integration in Tropical Africa. California: University of California Press, 1964, p. 22.

<sup>22</sup> COLEMAN, JS. ROSENBERG, C. Jr. Political Parties and National Integration in Tropical Africa. California: University of California Press, 1964, p.23.

<sup>23</sup> GINIO, Ruth. French colonial unmasked: the vichy years in French West Africa. Lincoln: University of Nebraska Press. 2006, p.174.

<sup>24</sup> SHEPARD, Todd. The Invention of Decolonization: The Algerian War and the Remaking of France. Ithaca, Cornell University Press, 2006.

Francesa, momento ao qual, por intermédio da participação ativa de Félix Boigny neste processo, as colônias terão direito de escolha pela participação na comunidade ou pela independência imediata.<sup>25</sup>

O único país a votar pela independência imediata foi a Guiné (Conacry), sob a liderança de Sékou Touré, que destoava das lideranças políticas das outras colônias, pois emergia do movimento operário e não de uma elite educada em Paris. Com o “*non*” da Guiné, é retirado todo o aparato administrativo, técnico e financeiro de imediato do território. Assim, o país recém-independente imediatamente alinha-se a Gana – recebendo ajuda financeira e diplomática – o que conforma uma nova aliança política que irá reverberar em dissensão com os vizinhos senegaleses.

Vislumbrando o novo contexto, após as discussões no *Congresso de Cotonou* (1958) operado entre as frentes que defendiam a independência imediata (como Sékou Touré) e àqueles que defendiam a integração na também chamada “*Commonwealth Francesa*” proposta por De Gaulle (como Senghor). No Senegal, Senghor e Mamadou Dia realizam um novo rearranjo político com os antigos socialistas, sob liderança de Lamine Gueye e criam a *Union Progressiste Sénégalaise* (UPS) que vai liderar o processo de integração na Comunidade Francesa, optando, através de um referendum, pela autodeterminação dentro do escopo da “*Commonwealth Francesa*”<sup>26</sup>.

No final do ano de 1958, representantes do Senegal, Sudão, Alto Volta e Daomé reúnem-se em Bamako e depois em Dakar para redação de uma constituição com vista de construir uma federação entre os estados da antiga África Ocidental Francesa, o que acaba por tomar forma com o nome de “Federação do Mali” – esta tendia a uma independência com associação a “Comunidade Francesa”.

No processo, o Daomé e o Alto Volta saem do projeto e os representantes do Sudão Francês (representados por Modibo Keita) e do Senegal (liderados por Senghor e Dia) agrupam-se no *Parti de la Fédération Africaine*(PFA). Neste contexto, a França abre negociações com os representantes da Federação do Mali para a transferência pacífica da soberania.

“Não existe tábula rasa”<sup>27</sup>, profere Senghor quando trata da construção da nação entre o Sudão Francês e Senegal. Sua pretensão é a edificação de um projeto comum que leve em consideração um olhar sobre a história, desenvolvendo o que ele chama de uma “símbiose dinâmica” ou uma “mestiçagem” entre os elementos das diferentes culturas, que no século XX, conformam a “África Negra”: a civilização negro-africana, berbere e os europeus.

<sup>25</sup>Birmingham (2009, p.22, Tradução nossa) analisa este processo, pelo viés da viagem de De Gaulle a África Ocidental: “Ele visitou a África balançando uma cenoura e empunhando um pedaço de pau. A cenoura era a oferta de privilégios especiais aos políticos coloniais, fundos para o desenvolvimento econômico e educacional e livre acesso à sociedade de Paris, onde os africanos de elite se sentiam culturalmente em casa. O preço era a aceitação da adesão de uma união francesa que seria muito mais estreitamente ligada que a comunidade britânica e na qual a França tomaria as grandes decisões estratégicas. O bastão era curto e direto: qualquer colônia que votasse ‘não’ na união de de Gaulle seria expulsa por si mesma sem acesso aos confortos técnicos, financeiros ou filosóficos.”

<sup>26</sup> OSEI, Anja. Party-Voter Linkage in Africa: Ghana and Senegal in Comparative Perspective. Wiesbaden: Springer, 2012, p.43.

<sup>27</sup> SENGHOR, Léopold Sédar. Um caminho do socialismo. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965, p. 15.

Senghor defende que a “cultura negro-africana” e a “África Negra” é definida para além de sua “negritude”, ou seja, é o conjunto das civilizações negro-africana, árabo-bérberes e europeias que, pelos processos históricos de colonização, migrações e mestiçagem - definiriam o continente africano em sua diversidade. Ele trata a “unidade” de África como uma “liberdade de escolha”, ou seja, uma opção política que seria o antídoto do perigo da “balcanização” – tendo em vista o processo de descolonização em um horizonte próximo.

Para Senghor o elemento aglutinador é a “vontade de ser nação”<sup>28</sup> cujo objetivo é “realização de uma nação Negro-Africana, de língua francesa, da qual o Estado federal, a Federação do Mali, constitui a primeira etapa”<sup>29</sup>. Ele assegura a concepção de uma “África Negra” como resultado de uma mestiçagem das diferentes matrizes de civilizações que a compuseram ao longo da história.

Em torno das lutas de poderes, é rompida a Federação do Mali, depois de três meses de existência. Assim, acirram-se as inimizades políticas entre os dois países, Senegal e Sudão Francês (depois da independência, toma o nome de Mali). Isso também ocorre em nível estrutural: o Mali destrói as estradas de ferro que ligam os países.<sup>30</sup> Já o Senegal torna-se um estado independente sob a liderança de Léopold Senghor e Mamadou Dia, que tratam de conduzir a organização do estado e da nação, em 1960.

O ano de 1960, o “ano de África”, é o período intenso do encerramento da experiência da Federação do Mali e da conformação do Senegal enquanto estado independente vinculado a Comunidade Francesa. Também é o período que tange as repetidas tentativas de união dos estados africanos em um conjunto maior, que depois da Federação tentar-se-á a “União dos Estados Africanos e Madagáscar” ou “Potências de Brazzaville”.

## Considerações finais

Este trabalho procurou mostrar as minúcias dentro de um recorte da longa trajetória intelectual e política de Senghor, um indivíduo muito mais conhecido no Brasil por seu engajamento no Movimento da Negritude no contexto da França na década de 1930 do que pela sua obra política. Ao olhar especificamente para a trajetória política de quinze anos antes de tornar-se presidente do Senegal, pode-se perceber como em um contexto de luta pelas independências das colônias e pelas descolonizações (de dentro do regime

<sup>28</sup> Senghor apresenta uma concepção voluntarista de nação, muito inspirado em percepções da tradição francesa a respeito da questão nacional, centrado na leitura do texto de Ernest Renan, *Qu'est-ce qu'une nation?* (1882), uma das influências ao qual o autor utiliza para pensar a conformação da nação.

<sup>29</sup> SENGHOR, Léopold Séder. Um caminho do socialismo. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965, p. 20.

<sup>30</sup> O Mali de Modibo Keita alinha-se à Guiné-Conacry, de Sékou Touré, vinculada a Kwame Nkrumah, do Gana. Em 1960, o Mali adentra a Union des États africains/ Union of African States, uma organização regional de cooperação econômica que existiu até 1963 entre estes três países.

colonial francês), Senghor tonaliza o seu discurso a respeito da Negritude, abarcando em suas teorias a questão da mestiçagem, modelando sua leitura cultural em prol de um projeto político.

Trata-se de pensar o amplo espectro político dos posicionamentos dos nacionalistas ou “freedomfigthers” africanos – tratando aqui do contexto colonial francês – apresentando as coalizões e partidos políticos que se formam e se dissolvem ao longo do processo da construção da descolonização. Também se buscou entender melhor a inserção de Senghor nestas coalizões e seu protagonismo, pensando que este recorte de sua trajetória política – observando como este modula o discurso político de aspectos vinculados à negritude em direção à mestiçagem. Este fato é prelúdio para compreender o substrato intelectual que possibilita Senghor replicar o discurso lusotropicalista a partir da década de 60, quando de suas intervenções em prol da autodeterminação das colônias portuguesas<sup>31</sup>.

## Referências

- BEHRMAN, Lucy. **Muslim brotherhoods and politics in Senegal**. Cambridge: Harvard University Press, 2013.
- BIRMINGHAM, David. **The decolonization of Africa**. London: Taylor & Francis e-Library, 2009.
- COLEMAN, JS. ROSENBERG, C. Jr. **Political Parties and National Integration in Tropical Africa**. California: University of California Press, 1964.
- COOPER, Frederick. **Citizenship between Empire and Nation: remaking French and French Africa 1945-1960**. Princeton: Princeton University Press, 2014.
- DJIAN, Jean-Michel. **Léopold Sédar Senghor**: Genèse d'un imaginaire francophone. Paris: Gallimard, 2005.
- GINIO, Ruth. **French colonial unmasked: the vichy years in French West Africa**. Lincoln: University of Nebraska Press. 2006
- MANNING, Patrick. **Francophone sub-saarian Africa 1880-1995**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- MARTIN, Nicolas. **Senghor et le monde: la politique internationale du Sénégal**. Paris: Afrique biblio club, 1979.

<sup>31</sup> A mediação política de Senghor em prol da descolonização e autodeterminação das colônias portuguesas – sobretudo pela vizinha Guiné – é tema da tese de doutorado que venho desenvolvendo. Em suma, é possível dizer que Senghor acaba por replicar a ideia do Brasil como modelo de sociedade miscigenada e harmônica, impulsionado por Freyre desde “Casa Grande e Senzala”. Também replica a ideia das “benesses” da colonização portuguesa, presente no discurso lusotropicalista (que foi abarcado pelo Salazarismo a partir da década de 50). Estas imagens foram denunciadas por intelectuais africanos como Mário de Andrade e Amílcar Cabral. Entende-se esta aproximação e o tom elogioso à mestiçagem adotado por Senghor a partir da década de 60, ao observar como ele modifica e modula o seu discurso político ao longo do tempo, deslocando-se das ideias impulsionadas pelo Movimento da Negritude em direção a ideia da mestiçagem e da “Civilização do Universal”.

OSEI, Anja. **Party-Voter Linkage in Africa**: Ghana and Senegal in Comparative Perspective. Wiesbaden: Springer, 2012.

RABAKA, Reiland. **The Negritude Movement**: W.E.B. Du Bois, Leon Damas, AimeCesaire, Leopold Senghor, Frantz Fanon, and the Evolution of an Insurgent Idea. United States: Lexington Books, 2015.

SENGHOR, Léopold Sédar. **Liberté I – Négritude et Humanisme**. Paris: Éditions du Seuil, 1964.

SENGHOR, Léopold Sédar. O contributo do homem negro. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. **Malhas que os impérios tecem**: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011.

SENGHOR, Léopold Sédar. **Um caminho do socialismo**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

SHEPARD, Todd. **The Invention of Decolonization**: The Algerian War and the Remaking of France. Ithaca: Cornell University Press, 2006.

Recebido em 14/06/20 aceito para publicação em 11/11/20.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhável 4.0 Internacional.